

O FRACASSO ESCOLAR NO ÂMBITO DA ESCRITA

Autores: TALITA FERREIRA DE SOUZA;

Introdução

O eixo temático da presente pesquisa denomina-se: “O Fracasso Escolar no Âmbito da Escrita” cuja propensão é a elaboração e articulação dos componentes pesquisados ao decorrer do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

Nessa perspectiva, o foco deste é “O Fracasso Escolar no Âmbito da Escrita” alicerçado no estudo realizado por meio de observações teóricas e práticas no 1º ano do Ensino Médio de uma escola estadual, situada no município de Espinosa – Minas Gerais.

Com o surgimento dos termos letramento e alfabetização funcional, muitos pesquisadores passaram a preferir distinguir alfabetização e letramento. Passaram a utilizar o termo alfabetização em sentido restrito, para designar o aprendizado inicial da leitura e da escrita. E utilizam letramento para designar o uso e as competências da língua escrita.

Neste ramo de pesquisas, crianças e adolescentes, mostram as dificuldades apresentadas no ensino gerado até mesmo pela falta de incentivo que geram consequências como o que chamamos de “Fracasso Escolar”. Segundo (CAGLIARI, 2007) o processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como o aluno se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização e letramento, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

Material e métodos

A metodologia adotada fundamenta-se em revisão e análise bibliográfica, pesquisa exploratória: mapeamento, coleta e tabulação de resultados com pesquisas de campo onde se busca contextualizar a teoria com a prática nas escolas, especificamente, a escola estudada nesta pesquisa, no município de Espinosa - MG.

Resultados e discussão

Para erradicação do “Fracasso Escolar no Âmbito da Escrita” faz-se necessário entender, acima de todas as coisas, que aprendemos melhor e temos o retorno (output/saída) de determinado aprendizado quando somos parte de uma comunidade. Frente a isto, Calkins afirma:

“Enquanto tecemos juntos, ideias relacionadas, um capítulo emerge [...] O processo de escrita, então, não começa com notas rabiscadas ou esboços grosseiros, mas relacionamentos dentro de uma comunidade de discentes.” (CALKINS, 1989).

Alan Purves disse que “são necessárias duas pessoas para ler um livro” e, isto torna-se uma sensível e intensa verdade, uma vez que os livros dos quais podemos lembrar são justamente aqueles sobre os quais falamos com alguém – isto é uma das fontes de escrever: a inspiração.

A escrita permite a transformação do caos em algo bonito, permite que “emolduremos momentos”, como diz Calkins (1989), selecionados em nossas vidas, faz com que descubramos e celebremos os padrões que organizam nossa existência. Escrevemos porque queremos entender nossas vidas. Não compete a nós, sociedade, cientistas da linguagem e aspirantes a docência, aceitar a passividade, bem como a problemática do “Fracasso Escolar” como um contexto inevitável do nosso ensino.

Frente ao “Fracasso Escolar no Âmbito da Escrita”, é incoerente fazer com que os alunos apenas rascunhem e revisem suas composições ou, programar novos métodos de ensino. O professor, com bastante razão, nem quererá ouvir falar sobre maneiras de encorajar um aluno a ir além de um rascunho primitivo ou sobre a importância de uma pesquisa baseada na vivência da sala de aula. Nada disto parecerá plausível para um professor que lute contra a gigantesca força da resistência dos alunos. Tal professor desejará somente um novo modo de conseguir que seus alunos revisem seus textos para a correta aplicação de pontos e letras maiúsculas ou, ainda melhor, desejará um modo de aliviar sua carga de ensinar a escrever. Quando os alunos resistem à escrita, os professores resistem ao seu ensino.

Em vez de pensarmos mais honesta e profundamente sobre os motivos por que os alunos aprenderam a antipatizar com a escrita, nós forçamos, empurramos, iludimos ou, “motivamos” simplesmente com as frases: “Regular” e “Continue Tentando”, sem ao menos, questionar a causa.

No final, talvez a razão mais importante por que precisamos encorajar os alunos para que tentem novas modalidades é que quando nós avançamos para novas fronteiras, também nós, como professores e sociedade, descobrimos o que é essencial, em nossa arte de ensinar.

Conclusão

Existem várias ferramentas para aplicação da erradicação do “Fracasso Escolar no Âmbito da Escrita”, destacando-se a docência servidora que mostra como o professor servidor, que respeita e valoriza seus alunos influencia positivamente toda a classe.

O professor que pretende influenciar positivamente seus alunos sabe utilizar todas as formas de ensino a seu favor. Por meio das palavras ele expressa claramente o que deseja, mostra onde precisa ser melhorado e incentiva os comportamentos. Por meio da comunicação não verbal ele transmite confiança e estabelece uma sintonia com os alunos.

Espera-se, portanto, que a importância deste estudo realizado adicione na caminhada de professores e estudiosos da área a importância de motivar seus alunos, lembrando sempre que não devemos mandar escrever, mas sim ensinar a escrever, ensinar a ler – exteriorizar a entrada recebida – mostrando que a obrigação de reproduzir aliena a capacidade de criar. Anseia-se por fim, que desde a infância a adolescência, os alunos sejam conduzidos pelos professores à paixão pela escrita e percebam quão fiel ela é: dorme com você, acorda com você e te acompanha o dia inteiro, onde quer que você vá ou esteja.

Agradecimentos

A esta universidade, direção e administração que oportunizaram a bolsa de estágio no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.

Ao coordenador Prof. Ms. Ilmar Fernandes e supervisora orientadora, Anézia Amarante, cujas presenças serviram de contribuição no intercâmbio de conhecimento e concretização deste trabalho.

Referências bibliográficas

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. – 10^a. ed. – São Paulo: Scipione, 2007.

CHARLOT, Bernard. **Formação de Professores: a pesquisa e a política educacional**. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 89-108.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1998.

FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos da. **Escola Pública: fracasso escolar numa perspectiva histórica**. 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-2.pdf>>. Acesso em 19 de setembro. 2017.